



CORES

DA

FÉ

ROBERTO GOMES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Reitora: Prof.^a Dra. Célia Regina Diniz

Vice-Reitora: Prof.^a Dra. Ivonildes da Silva Fonseca

Centro de Ciências Sociais Aplicadas

Diretor: Prof. Ricardo Ferreira Dantas

Diretor adjunto: Prof. Geraldo Medeiros Júnior

Departamento de Comunicação Social

Chefe do Departamento: Prof. Orlando Ângelo da Silva

Chefe Adjunta do Departamento: Prof.^a Maria Salete Vidal da Silva

Coordenação do Curso

Coordenador: Prof. Me. Rômulo Ferreira de Azevêdo Filho

Coordenadora Adjunta: Prof. Dr. Luis Adriano Mendes Costa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

Banca Examinadora: Prof.^a Dra. Verônica Almeida de Oliveira

Prof. Dr. Leonardo da Silva Alves

Texto: Roberto Gomes dos Santos Junior

Projeto gráfico e editorial: Vanessa Fernandes de Sousa



Roberto Gomes

Universidade Estadual da Paraíba

Cores da Fé

© Roberto Gomes, 2021

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Texto:

Roberto Gomes

Capa:

Roberto Gomes e Alexandre Nogueira

Projeto Gráfico e Editoração:

Vanessa Fernandes

Revisão:

Ada Guedes

Correção Ortográfica:

Ana Karla Marcelino

JUNIOR, Roberto Gomes dos Santos.

Cores da Fé. Roberto Gomes. – Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2021.

60p.

1. Livro-reportagem. 2. LGBTQIAP+. 3. Religião. 4. Sociedade. I. Título.

Copyright © do AUTOR

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Projeto Gráfico e editoração

Vanessa Fernandes

Capa

Roberto Gomes e Alexandre Nogueira

Para todos que acreditam que o amor
divino não tem distinção.

Sumário

Apresentação	09	Capítulo 06	31
		Amarelo	
Capítulo 01	11	Capítulo 07	37
Branco		Verde	
Capítulo 02	15	Capítulo 08	41
Azul e Rosa claro		Azul	
Capítulo 03	19	Capítulo 09	45
Marrom		Violeta	
Capítulo 04	23	Capítulo 10	51
Vermelho		Preto	
Capítulo 05	27	Considerações	51
Laranja		 finais	

Apresentação

Partindo de uma realidade, para muitos contraditória, mas recorrente e normal para tantos outros, que é a de uma pessoa homossexual com a vivência familiar de igreja evangélica, esta produção reúne relatos de diferentes sujeitos nesse contexto e tem como intuito refletir, e quando possível, apreender sobre as seguintes questões: Como pensam e sentem homossexuais que tem seu sistema de crença firmado no cristianismo? Uma pessoa LGBTQIAP+ pode ser evangélica, ter uma relação com Cristo? Como se efetiva a vivência desses sujeitos em espaços de comunhão e fé? Para tanto, o presente trabalho surgiu no intento de abordar essa temática a partir de práticas jornalísticas capazes de resultar na produção desse livro-reportagem.

A homossexualidade é algo que suscita debates e questionamentos em diferentes práticas sociais. Em alguns campos, como o profissional, o das relações interpessoais ou mesmo familiares, o assunto pode ser polêmico, mas na esfera da religiosidade, o fato resulta em experiência diferenciada para algumas crenças, sobretudo, para o evangelismo ou cristianismo evangélico, como é mais conhecida a religião surgida com o movimento cristão protestante do século XVII.

Além de contar a história de vida de membros LGBTQIAP+ frequentadores de igrejas inclusivas e tradicionais, utilizando relatos de pastores e membros, se faz também uma pequena análise sobre como a igreja tradicional trata essa questão, já que é um direito civil de qualquer cidadão realizar atividades comuns, como trabalhar, sair, e escolher com quem se relacionar.

Aqui se faz relevante explicar o que são igrejas inclusivas e tradicionais, estas últimas são as igrejas evangélicas que seguem a premissa de que a homossexualidade é condenada na Bíblia, e, portanto, alguns pastores aceitam seguidores desde que se negue e evite o que chamam de “práticas homossexuais”. Alguns desses líderes religiosos falam em cura ou transformação através da religião. Os discursos que são feitos em forma de acolhimento encobrem estratégias de sujeição voltadas a uma reestruturação da subjetividade dos sujeitos, ou seja, acolhem as pessoas LGBTQIAP+ para transformá-las. Já as chamadas igrejas inclusivas são aquelas que não apenas acolhem essas pessoas como membros da comunidade, como são geralmente lideradas por pastores e pastoras homossexuais.

A bíblia é uma literatura tão complexa que chega a ser ambígua. Acredito que cada indivíduo que a lê terá uma interpretação diferente e quando compreendemos que teremos várias abordagens sobre o mesmo texto na Bíblia, haverá uma perspectiva reveladora acerca dos debates sobre a homossexualidade, ou sobre qualquer outra história ou parábola encontrada na mesma.

Vale ressaltar que o presente livro não tem o intuito de debater sobre direitos homossexuais enquanto resultados de movimentos sociais, no entanto, não há como desviar da temática e ocultar o que a causa carrega. A premissa que sustenta esse percurso é a de que o paradigma que existia sobre pessoas LGBTs não serem cristãs ou não serem evangélicas foi rompido, porém, nem todos concordam com isso. As igrejas inclusivas, entretanto, estão aí mostrando um número considerável de seguidores com sua fé e suas histórias. Aqui aparecerão algumas, contadas com muita humanização e gratidão àqueles que concordaram em compartilhá-las.

Todo o preconceito e a discriminação contra os homossexuais, tanto nas igrejas tradicionais quanto nas ruas de nossa sociedade machista e homofóbica, manifestam-se de várias formas: com silêncio, posições opostas, privação de direitos, julgamentos morais, reprodução de estereótipos, exclusão direta, violência e outros métodos mais encobertos.

Por isso, falar sobre a vida dessas pessoas marginalizadas, em uma perspectiva humanizada e cristã, é passar por uma realidade vivida por muitos de forma fragmentada, que nem sempre é visível à sociedade. A intenção é dar visibilidade a essas histórias. E a partir da leitura, o leitor terá seu lugar de reflexão e percepção sobre o fato contado.

capítulo 01:

BRANCO

Pois é mediante o espírito que nós aguardamos pela fé a justiça, que é a nossa esperança.

Galátas 5:5

Desde que me entendo como ser pensante, sabia que era diferente das outras pessoas que me cercavam. Sou o mais velho de cinco filhos de um professor que é pastor desde que nasci. Cresci no meio evangélico, com pastores, suas esposas e filhos, mas nunca fui como os outros, nunca gostei das vestimentas formais que tínhamos que usar nos encontros. Meus pais, no entanto, nunca me impediram de ser como eu quisesse ou questionaram o que não fazia sentido na minha cabeça.

Algumas questões que permeiam minha mente desde meus sete anos de idade são: porque homossexuais vão para o inferno? Por que não se pode ser e amar quem quer que seja e mesmo assim crer e seguir os “passos de Jesus”? Se somos feitos à imagem e semelhança de Deus, porque “evangélicos” dizem que os homossexuais não são filhos Dele? Será que Deus só ama se você amar seu sexo oposto? Estes questionamentos foram o que me fizeram querer entender onde está o erro e, conseqüentemente, me trouxeram para onde estou hoje.

“Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: “Ame o seu próximo como a si mesmo”

Mateus 22:37-39.

Amar ao próximo como a si mesmo. Essa é uma realidade vista muito pouco nas igrejas hoje em dia. Em todos os meus anos nesses espaços, vejo claramente que esse mandamento é interpretado de forma um tanto radical. Se muitos “crentes” só amam o próximo se for também um deles, o amor acaba sendo seletivo. No entanto, não só aprendi, como creio que o amor divino não é seletivo e não faz acepção.

Para muitos cristãos, pecado e abominação são as palavras que caracterizam uma pessoa homossexual, mas isso é reflexo de uma cultura homofóbica que é sustentada até hoje por uma interpretação da bíblia que não deixa margem para outras leituras, ignorando muitos versículos e o contexto histórico do escrito. Assim, de um lugar que deveria ser de acolhimento e amor, por vezes se dissemina totalmente o contrário, prega-se o ódio e não o amor incondicional de Deus.

A incoerência, portanto, não está em uma pessoa “não hetéro” ter fé e querer seguir a Cristo, mas sim na ausência da pratica do amor ao próximo, por parte de muitos que estão dentro dos templos e fora da órbita da compreensão. A dificuldade acontece porque, na imaginação de fundamentalistas, o que torna a conversa sobre o tema nada fácil é que eles acreditam que ser cristão, ou seja, seguir a Jesus Cristo, e ser alguém homossexual é algo totalmente oposto.

Enquanto pastores e fiéis evangélicos disseminam sua homofobia de forma velada, e por vezes “escancarada”, do outro lado, temos os que combatem as posturas que os ferem.

Ter consciência do meu papel dentro da igreja, e por vezes precisar me silenciar sobre o que eu pensava ou como agia, para não provocar a ira de algumas pessoas, não foi fácil. Ser silenciado é ser tolhido, e a maioria dos homossexuais já enfrentam isso em diferentes esferas de suas vidas: dentro de casa, na rua, nas escolas, ambientes de trabalho. Só que, nesse caso, é algo que ocorre dentro das igrejas, e não falo do templo em si e sim dos muitos membros que frequentam o lugar, que hoje constroem barreiras ao invés de pontes para aproximar Deus das pessoas.

Foi em meio a tudo isso, que em meados de 2015, descobri o advento das igrejas LGBTQIA+, chamadas de igrejas inclusivas.



capítulo 02:

AZUL E ROSA CLARO

Ele respondeu: "Porque a fé que vocês têm é pequena. Eu asseguro que, se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: 'vá daqui para lá', e ele irá. Nada será impossível para vocês."

Mateus 17:20

Se faz necessário falar sobre igrejas inclusivas, pois estas não se atêm apenas ao protagonismo evangélico de pessoas heterossexuais, pelo contrário, LGBTQIA+ podem sim ser líderes religiosos. De pastores à ministros de louvores, passando por diáconos e obreiros, qualquer lugar pode ser ocupado, qualquer expressão de fé pode ser vivida.

Antes de falarmos mais sobre igrejas LGBTQIA+ seria interessante diferenciarmos alguns tipos de doutrinas, principalmente pela entronização da heterogenia que marca nosso cotidiano. O autor que vos escreve vem de uma doutrina Batista, e somos chamados por muitos de tradicionais, mas pouco diferimos de igrejas com uma doutrina Pentecostal, somente quando se trata do batismo do Espírito Santo. Não que não seja aceito na doutrina batista o falar de línguas estranhas, mas se caso ocorrer em um momento de unção, que tenha um intérprete, como versa 1 Coríntios 14: 26-28.

Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação.

Faça-se tudo para edificação. E, se alguém falar em língua desconhecida, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por sua vez, que haja intérprete. Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo, e com Deus.

1 Coríntios 14:26-28.

E quando se trata de vestimentas, o assunto não é uma problemática assim como costumes ou adornos. Quanto aos Neopentecostais, sua doutrina também pouco diverge dos pentecostais. A primeira surgiu em detrimento da segunda, alguns anos depois do movimento pentecostal que ocorreu em 1906 em Los Angeles, nos Estados Unidos, na Rua Azula. É um movimento considerado mais conservador que o Pentecostalismo, já que seus adeptos são contrários, de forma explícita, às conquistas de equidade de gênero como a autossuficiência da mulher e a liberdade sexual. Também na teoria da prosperidade, doutrina que defende que a benção financeira é o desejo de Deus para os cristãos, o discurso positivo, a fé e as doações para os ministérios cristãos irão sempre aumentar a riqueza material do fiel. Existem igrejas famosas que representam esse movimento neopentecostal, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus, instituições com líderes controversos e polêmicos, o que não vem ao caso discutir no presente trabalho.

Uma vez esclarecidas algumas doutrinas, podemos voltar a atenção para as igrejas inclusivas, ou como muitos chamam, de forma pejorativa, igrejas gays. No Brasil não há uma estimativa concreta de quantas instituições religiosas com esse perfil existem, mas acredita-se que sejam quase duzentas em todo o país. O movimento inclusivo nas igrejas

é relativamente novo e o intuito é congregar homossexuais que queiram externar sua fé no cristianismo a partir de uma perspectiva protestante.

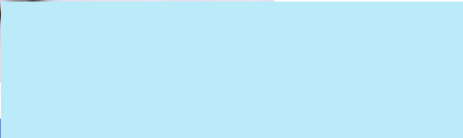
A primeira igreja inclusiva surgiu há quase 60 anos, nos Estados Unidos da América, com o Reverendo Troy Perry e a Metropolitan Community Church². Já no Brasil, como fala o pesquisador Marcelo Natividade (2008), as igrejas começaram de forma organizada no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, nos moldes da americana, com a Igreja Comunidade Metropolitana de São Paulo.

O movimento inclusivo surgiu em um período histórico turbulento, não só nos Estados Unidos como em todo o mundo. Na época, o Brasil passava por tempos sombrios com a ditadura militar, que além das perseguições contra opositores do governo, perseguiam a comunidade LGBT, fundamentados numa fé cristã forjada para a qual gays, lésbicas, transexuais e travestis eram considerados perversos e anormais. Já os EUA e países da Europa, principalmente a França, passavam por momentos históricos de resistência e mudanças. O primeiro, além de lidar com o surto iminente da HVI-AIDS, lutava contra a segregação e também contra a homofobia instaurada, lá foi o local de um dos maiores acontecimentos do movimento LGBT mundial com a revolta de Stonewall, de 1967. Um ano depois, em 1968, morria assassinado um dos maiores líderes contra a discriminação racial nos Estados Unidos, Martin Luther King, que era pastor Pentecostal.

Já na França, acontecia um movimento importante para o feminismo europeu e mundial, com protestos contra o patriarcado, defendendo pautas como a liberação de contraceptivos para que mulheres pudessem ter liberdade e domínio sobre seu corpo e sua sexualidade. Não nos aprofundaremos em assuntos contra a discriminação racial e o movimento feminista, mas citar esses movimentos é importante para saber em que contexto o Brasil e o mundo se encontravam.

Esse era o contexto histórico, época de surgimento do movimento inclusivo e da primeira congregação desse tipo do país. Momento em que surge a possibilidade de uma pessoa fora dos padrões heteronormativos poder manifestar sua relação de fé com o cristianismo a partir de doutrinas evangélicas de forma efetiva e declarada.

Após essa digressão necessária, a partir de agora esse livro se dedica aos relatos e depoimentos das pessoas entrevistadas. São homens e mulheres que se entendem e se permitem ser cristãos, evangélicos e gays.



capítulo 03:

MARROM

Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie.

Efésios 2:8-9

E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; Mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo. – Atos 10:34,35

No dia 02 de agosto de 2019, mandei uma primeira mensagem para uma pastora inclusiva que morava em Natal e liderava a Igreja Cristã Maravilhosa Graça, Pra. Kacia Torres. Na mensagem, me apresentei como estudante de jornalismo que morava em Campina Grande, na Paraíba, que é filho de pastor e gay. Mostrei meu interesse em conhecer a igreja e contar a história dela junto com histórias de membros de sua congregação. Com a resposta positiva e até que rápida, veio o verdadeiro start para a decisão de fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre o tema, pois, eu tinha a primeira fonte!

A minha ida à cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, ocorreu de forma bem inesperada, já que fui acompanhado de minha mãe, padrasto e irmã. Dois dias depois da minha chegada, descobri que naquele dia iria ter um culto à tarde na igreja.

E foi na tarde de sábado do dia 18 de janeiro de 2020 que assisti ao culto na igreja, que ficava numa rua não muito movimentada. Sua frente era bem simples com uma porta de vidro e parede cor de um tom marrom terra, não parecia com a entrada de uma igreja, não tinha identificação porque o local passava por uma reforma. Ao passar pela porta, vejo ao meu lado direito uma sala que parecia muito com um gabinete; e era ali que a pastora recebia seus membros para conversar.

No meu lado esquerdo se encontravam os banheiros e já no fim do corredor, não tão extenso, estava uma porta mais larga também de vidro e uma moça, que pensei ser alguma obreira, que ao abrir a porta me recepcionou com um: “A paz do senhor! Fique à vontade para adorar a Deus”.

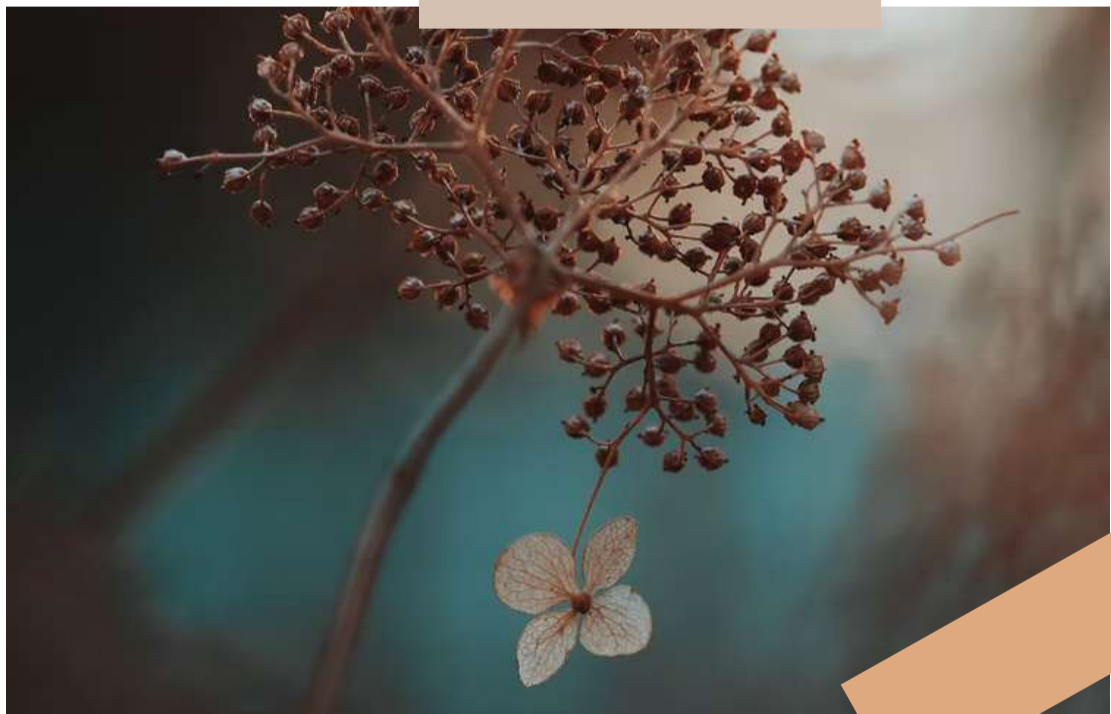
O ambiente era grande, tinham vários lugares, algo próximo de 200 cadeiras pelo salão, além de ser todo climatizado (por isso que a porta estava fechada). Me acomodei em um cantinho atrás de todos, tímido, porque passava por mim um misto de vergonha, por estar em um lugar desconhecido, e ao mesmo tempo um sentimento de aconchego.

Depois que me acomodei, fiquei observando o local. Na frente de todas as cadeiras, ficava um palco, que tinha cerca de 50 centímetros acima do chão com dois batentes como acesso. As paredes atrás do púlpito eram pretas e as luzes do local estavam apagadas, a única coisa que clareava eram pequenas luzes amarelas espaçadas no mini palco e um projetor ligado com um emblema da igreja.

Sou despertado do meu transe, observando o ambiente, com alguns membros vindo me dar as boas-vindas e me cumprimentar com “a paz do senhor”. Pude perceber o carinho que cada irmão tinha um com o outro, se abraçando, dando beijos no rosto. Senti, naquele momento, embora fosse o primeiro contato, que estava em um lugar onde todos podiam ser livres e verdadeiros consigo, algo que não é muito comum de se ver em uma igreja tradicional, onde não é bem visto que pessoas do mesmo sexo se beijem no rosto como forma de carinho.

O culto em nada se diferenciou de um culto que assisto na igreja onde meu pai lidera. Durante os louvores, era perceptível como eles cantavam a plenos pulmões; alguns falavam em línguas estranhas, e nada me pareceu incomum à minha experiência pessoal como evangélico de uma igreja Batista. No entanto, algo que eu não havia reparado antes me chamou a atenção: Logo mais à frente de onde eu estava, havia um casal de homens que estava de mãos dadas, a cada louvor que passava, os dois se abraçavam e choravam. Parecia choro de alívio, o semblante deles era de cansaço, talvez cansados de se esconder, cansados de se calar e ali era o momento de se libertar da opressão que viviam fora da igreja. São apenas suposições, mas até podia ser exatamente isso.

A pregação da pastora foi sobre cura e certamente serviu para muitos que estavam ouvindo. Ao final do culto, fui ao encontro da líder da igreja que estava conversando com alguns membros sobre um projeto. Assim que me olhou, pude perceber, pelo sorriso acolhedor, que ela me reconheceu do Instagram. Ali foi minha apresentação formal, pessoalmente. Nossa conversa não durou muito, já que o intuito era me apresentar, ter uma ideia de como funcionava a igreja e falar para ela sobre o meu projeto, sobre as entrevistas. A ideia foi recebida de forma positiva e valiosa: “Tirar o estigma de que igreja inclusiva é bagunça e que gay não vai para o céu”, falou a pastora destacando a importância dos registros que eu pretendia transformar em livro.




capítulo 04:

VERMELHO

Tendo sido, pois, justificados pela fé,
temos paz com Deus, por nosso Senhor
Jesus Cristo, por meio de quem
obtivemos acesso pela fé a esta graça na
qual agora estamos firmes; e nos
gloriamos na esperança da glória de
Deus.

Romanos 5:1,2



Semblante cansado de um plantão de 48 horas no hospital, cabelos compridos e negros e um olhar alegre com pequenas rugas de quem sorri muito. Assim é “Vermelho”, que mesmo cansada cedeu seu dia de folga para conversar um pouco comigo sobre sua vida. Vida essa que, assim como muitos LGBTQIAP+, é, por vezes, difícil. “Vermelho” tem 32 anos de idade e trabalha na área da saúde na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

Nascida e criada em uma doutrina católica, foi aos 14 anos que sua sexualidade começou a aflorar com mais força. Desde muito criança sabia que era diferente, não costumava gostar do que crianças de sua idade gostavam.

Desde que nascemos somos orientados a ser e agir da forma que nossos pais acham que é adequado, da forma que a sociedade deseja que sejamos, porque qualquer coisa que seja diferente já é julgada. E esse julgamento constrange, machuca e em muitos casos, mata.

O tempo nos ajuda de várias formas, uma delas é entendermos como somos e o que queremos. Questionada se sofreu algum tipo de preconceito, “Vermelho” afirma que assim como a grande maioria dos homossexuais, sofreu sim, mas o ato de preconceito que mais doeu e foi difícil de suportar, foi o preconceito próprio. Infelizmente, algo muito comum entre a comunidade, saber que é diferente e não assumir, não aceitar essa diferença; a dor e o sofrimento de alguém que não se aceita é pior do que os olhares julgadores dos outros, e é nessa fase em que, geralmente, nos tornamos rebeldes.

Agora imagine o preconceito quando é vindo de uma igreja cristã que frequentamos, seja ela católica ou protestante. No caso de “Vermelho”, ela sentiu o preconceito vindo de uma igreja católica. Quando o assunto é preconceito, é difícil visitarmos o passado, já que queremos esquecê-lo. Creio que por isso, em meio a nossa conversa, “Vermelho” parece viajar em seus pensamentos, com um sorriso de dor, parecia escolher as palavras que iria usar. Porém, não a forcei, a deixei livre.

Com o decorrer do tempo, “Vermelho” se estabeleceu com sua sexualidade. Em termos mais comuns, se aceitou. Com essa aceitação própria, se casou e estava feliz, mas o preconceito constante dentro da igreja católica que frequentava, em Natal, fez sua vida virar do avesso pela primeira vez.

Entrou em um mundo sombrio, encontrou o vício. O vício em álcool e drogas, como cocaína, destruiu seu casamento. É nítido o desconforto em seus olhos ao falar sobre isso. O fim do casamento foi o estopim “para ir pro mundo de vez”, revelou.

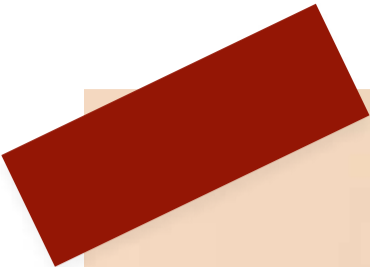
Mas, como sempre dizem, no fim do túnel existe uma luz de esperança. Ela conta que no trabalho tinha uma amiga que sempre falava que ela deveria voltar para os caminhos do senhor. A amiga fazia parte de uma igreja protestante de vertente tradicional e “Vermelho” não poderia estar lá, porque não queria mais ter que esconder quem era, apenas ser aceita do jeito que é.

A oportunidade chegou quando essa mesma amiga falou que “Vermelho” não precisaria frequentar a mesma igreja que ela, pois existia um lugar que a aceitaria da forma que era. Foi desse modo que “Vermelho” conheceu a Igreja Cristã Maravilhosa Graça, uma igreja inclusiva e plural. A ida à igreja aconteceu em um momento extremamente complicado em sua vida, um momento de grande fragilidade emocional.

Quando o assunto muda e a conversa gira em torno de sua relação com Deus, “Vermelho” demonstra uma alegria de quem estava leve consigo. Ela me conta que no primeiro culto, Jesus a tocou fortemente no coração e nessa oportunidade de virada de jogo, ela aceitou a Jesus como seu único salvador. Na estrada do evangelho, teve um começo de caminhada difícil, enfrentou provas que achou que não conseguiria passar e a abstinência começou a gritar.

Porém, com força e fé, conseguiu vencer: “O senhor me resgatou de maneira completa de um buraco sem luz, todos os meus vícios foram deixados de lado, todos os maus caminhos que eu frequentava também foram deixados de lado, hoje eu renasci em Cristo Jesus, fui batizada e hoje sirvo a casa do Senhor”, fala convicta.

Sem ter que se esconder ou forjar sua essência ou rotular-se, “Vermelho” é quem realmente é, servindo a casa do Senhor, mostrando que Deus nos ama não importa a sua condição sexual. Ela afirma: “Meu fardo hoje é leve, não sinto mais o vazio de antes, sou uma nova criatura. Eu sou uma escolhida!”.



capítulo 05:

LARANJA

Consequentemente, a fé vem por se ouvir
a mensagem, e a mensagem é ouvida
mediante a palavra de Cristo.

Romanos 10:17

Filho único, criado só por uma mãe evangélica, não conheceu seu pai, uma figura da qual nunca sentiu falta. Pessoas homofóbicas dizem que a sexualidade de um indivíduo é uma opção e que é reflexo de sua criação, isso quer dizer que, para eles, se você for um menino criado por mulheres consequentemente serás gay, a mesma coisa é quando você é menina e é criada por homens, provavelmente serás lésbica. Isso é uma das coisas mais tolas que existem.

Posso usar a mim mesmo como exemplo: sou gay e junto com mais três irmãos mais novos, também homens, fomos criados pelo meu pai desde criancinhas, desde que ele e minha mãe se separaram. Hoje em dia, somos 4 homens adultos e só eu sou gay. A semelhança entre mim e “Laranja” encontra-se no fato de sermos criados de forma uniparental e essa criação não interfere em nada em nossa sexualidade.

A vida de “Laranja” começa a mudar aos 21 anos de idade, bem no início de sua vida adulta. Era uma pessoa difícil de se fazer entendida, com isso encontrou refúgio nas drogas e no álcool. A sua sexualidade nunca foi um problema, sabia o que era, mas estava perdido.

Sua mãe era evangélica e sempre dizia que ele deveria aceitar a Jesus para deixar de ser homossexual. As drogas ou o alcoolismo nunca foram questionados, o problema sempre foi ser gay. Muitos acham que a homofobia só é encontrada na rua, mas esquecem da homofobia que se sofre em casa, cometida por pessoas que amamos, que no pensamento de qualquer um, iriam nos acolher, nos entender e nos ajudar, mas não o fazem. Os primeiros gestos de preconceito que “Laranja” sofreu foram da família. Ouvir sua mãe falar que se não se convertesse e deixasse a homossexualidade iria para o inferno, não deve ter sido fácil.

Veio, então, a sua conversão em uma igreja tradicional. Quando se converteu, deixou as drogas e o álcool, mas nunca deixou a sua condição sexual. Até que isso se tornasse uma descoberta para sua vida, foi um caminho árduo e bastante doloroso; tudo aquilo que a igreja propusera eram apenas dois caminhos: o da cura ou o da libertação. Isso porque, vale lembrar, as igrejas protestantes até hoje não se decidiram quanto à questão da homossexualidade: se é tentação do demônio ou se é uma doença. Algumas denominações caracterizam como demônios, enquanto outras caracterizam como doença, mesmo sabendo que a homossexualidade não é considerada uma enfermidade desde os anos 1990.

Durante sete anos de sua vida, “Laranja” pregava contra a homossexualidade, verbalizava tudo aquilo que havia aprendido: “Eu costumo dizer que na minha época eu era uma espécie de Silas Malafaia, literalmente, e para deixar claro não me orgulho nadinha disso”.

Nesse período, buscando uma cura inexistente, veio um casamento e o nascimento de um filho, como uma tentativa de um passo final, algo do tipo, “vamos ver se isso funciona”, já que até agora nada do que fazia para deixar essa “maldição” funcionou.

Nada provocou a libertação ou a cura que era esperada. “Eu me lembro que quando eu percebi que eu só estava encobrindo quem eu era, começou a surgir muitas dúvidas no meu coração, se tudo aquilo que eu pregava, se tudo aquilo que eu havia aprendido era a verdade, era o que estava realmente escrito na Bíblia”, contou.

Foi estudando a Escritura em um curso de teologia que “Laranja” descobriu que o Antigo Testamento foi escrito entre 1445 a 450 anos antes de Cristo; descobriu também que o novo testamento foi escrito de 45 a 90 anos depois de Cristo e que foi 1000 anos depois de Cristo que Tomás de Aquino criou a palavra sodomia associando ela à homossexualidade. E somente em 1868 que o jornalista austro húngaro Karl Maria Kertbeny criou as palavras homossexual e heterossexual.

Os estudos levaram “Laranja” aos questionamentos e estes o guiaram para a descoberta da teologia inclusiva. Foi quando ele percebeu que tudo aquilo que aprendera na igreja tradicional havia sido aprendido da maneira errada. Na época, já tinha uma nova pessoa em sua vida e ele já havia descoberto que todo o tratamento buscado incansavelmente para sua cura não surtiu o efeito esperado, simplesmente porque não havia nada de errado com ele, nunca foi e nem é doente: “Tudo aquilo a que eu tinha me submetido não me trouxe uma libertação porque eu não era um endemoniado por ser homossexual e eu me permiti me amar e a amar outra pessoa, de verdade, sem preconceitos”.

Outra semelhança entre “Laranja” e eu é que acreditamos que Deus não é LGBTfóbico, que o Espírito Santo não é limitado a um grupo específico de pessoas, e cremos que a salvação de Jesus está disponível para todos. Deus amou o mundo de tal maneira, que enviou seu filho Jesus, não para julgar nem condenar, mas para que todos encontrem a salvação e o acalento de seu coração e como dizem na igreja protestante: “A vida eterna”.



capítulo 06:

AMARELO

Porque vivemos por fé, e não pelo o que vemos.

2 Coríntios 5:7

Cura. Segundo o dicionário Aurélio significa reestabelecimento da saúde. Será que uma pessoa que nasce homossexual precisa de cura?

A condição social, ou opção sexual como muitos ainda denominam, deixou de ser caso de saúde pública há mais de 30 anos, mais precisamente em 17 de maio de 1990, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista internacional de doenças. De forma antecipada, o Conselho Federal de Psicologia do Brasil deixou de considerar a opção sexual como doença ainda em 1985.

Mesmo assim, persiste uma intolerância na sociedade que perpassa também algumas religiões. Mesmo com os avanços que aos poucos vêm acontecendo, através de políticas públicas para assegurar a liberdade da expressão do culto, o Brasil e alguns outros países continuam protagonizando casos de discriminação contra pessoas LGBTQIAP+.

É essa intolerância que faz com que pessoas que se identificam com alguma letra da sigla se escondam, para não sofrer com os ataques. A vida de uma pessoa que precisa se esconder, se silenciar, não é fácil. Esconder seus desejos, seus amores, se esconder principalmente de si é, no mínimo, injusto. Injusto também é alguém homossexual, bissexual, transexual ter que esconder quem ela realmente é, por causa de sua fé e vontade de servir a Deus.

Nas minhas buscas por pessoas LGBTQTS que fossem evangélicas encontrei “Amarelo”; vi seu perfil em uma foto que ele curtiu de uma igreja inclusiva de Natal. Assim que abro seu perfil, o feeling de jornalista me diz que ali se encontraria uma boa história, assim, tratei logo de lhe escrever uma mensagem me apresentando e contando do meu projeto. Conte-lhe que também sou homossexual e evangélico e logo nosso papo foi fluindo; como imaginei, ali continha algo a ser extraído.

Seu maior medo era ser descoberto por outros membros, já que frequenta uma igreja tradicional na cidade de Caicó, região do Seridó do Rio Grande do Norte; naquele momento, me adiantei e disse que, quanto a isso, não precisava se preocupar, pois seu nome seria preservado para sua segurança e bem-estar.

“Amarelo” é alto, pele parda com marcas de espinhas, seus cabelos são bem pretos com um corte militar quase raspado, sobrancelhas bem marcadas e de um sorriso pequeno e tímido.

“Lutei comigo mesmo por muito tempo, foram exatos 15 anos”. Foi assim que começou nossa conversa. Sua luta é como a de muitos LGBTs quando não se aceitam e, principalmente, quando fazem parte de uma igreja tradicional onde é uma abominação ser um não-heterossexual normativo. Ele me contou que durante esses 15 anos lutou por uma cura, por uma mudança. Fez tudo que podia dentro e fora da igreja, participou de círculos de oração, de vigílias, quebra de maldição, sessões extremas de descarrego, marchas proféticas, campanhas, sessões de cura interior, pedia orações a todos os irmãos da igreja, além de, confessar seus “pecados” ao pastor, único que sabia da condição sexual de “Amarelo” e que o incentivou a buscar essa “transformação”.

Relatou que durante esses 15 anos em busca de mudança de comportamento, “Amarelo” foi batizado nas águas pelo Espírito de Deus. Encontrou o que seria a intimidade com Deus, mas nada o fez mudar. O pastor, um homem machista e homofóbico, sempre o repreendia e “Amarelo” foi sendo afastado, aos poucos, das obras e atividades da igreja.

Esse afastamento, a repreensão e a luta contra ser quem é o fez cair em uma profunda depressão e a ansiedade tomou conta de seu corpo. O primeiro grande impacto decorrente da depressão foi quando tentou suicídio. Duas tentativas na verdade, a primeira vez em 2016 e a segunda em 2017. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde, por ano, cerca de 800 mil pessoas se suicidam e para cada morte por suicídio, existe muito mais que tentam por algum motivo tirar sua vida.

A depressão foi um mal que afetou drasticamente todas as áreas de sua vida. Não entendia porque tanta angústia, já que sempre seguiu o que era mandado dentro da igreja e o seu trabalho era o dos sonhos; não entendia a tristeza que sentia. Talvez o seu subconsciente soubesse, mas foi mascarado por todos os métodos utilizados dentro da igreja.

Depois da sua primeira tentativa de suicídio, buscou ajuda médica, foi a um neurologista em busca de respostas para seus problemas, suas “disfunções neurológicas”. Depois de vários exames, a conversa com o médico não foi das mais agradáveis: “Ele me falou o que eu não queria ouvir”. Quando os exames foram apresentados, o resultado foi que tudo corria bem com a cabeça de “Amarelo”; a conversa com o médico se tornou mais pessoal e ele sentiu-se à vontade para falar o que se passava em sua vida: “Do nada, ele olhou pra mim e disse que eu nasci assim e que estava passando por isso por não me aceitar da forma que eu era; Roberto, esse médico foi usado por Deus, hoje eu sei disso”, contou convicto.

Mesmo ciente do “motivo” de sua depressão, após a conversa com o neurologista, “Amarelo” ainda não queria aceitar e foi em busca de ajuda em um hipnólogo, seria a sua última tentativa para deixar de ser homossexual. O hipnólogo era teólogo e cristão. Perguntei-lhe sobre como era esse tratamento de hipnose e ele contou que nem houve a primeira sessão porque o terapeuta só conversou e o mostrou também que não tinha problema algum.

Em 2019, enquanto caminhava, “Amarelo” reencontrou uma pessoa, que assim como ele, é homossexual e conhecia a sua luta de anos. Ao perguntar como estava, “Amarelo” lhe contou sobre sua experiência com o neurologista e o hipnoterapeuta e que graças a eles tinha se aceitado, tinha sido curado de sua doença e de ser infeliz. “O meu conhecido nessa hora olhou pra mim igual o neurologista e disse que não foram eles que me curaram e sim Deus”. A emoção, o brilho em seus olhos quando me contou essas coisas era nítido. Era perceptível o quão leve se tornou, a partir da certeza de que foi Deus, porque ele sabia que não aguentava mais. “Neste tempo, na igreja, eu conheci muitos homossexuais, que assim como eu, lutavam contra sua natureza e muitos já tinham saído e se aceitado, eu fui o último”.

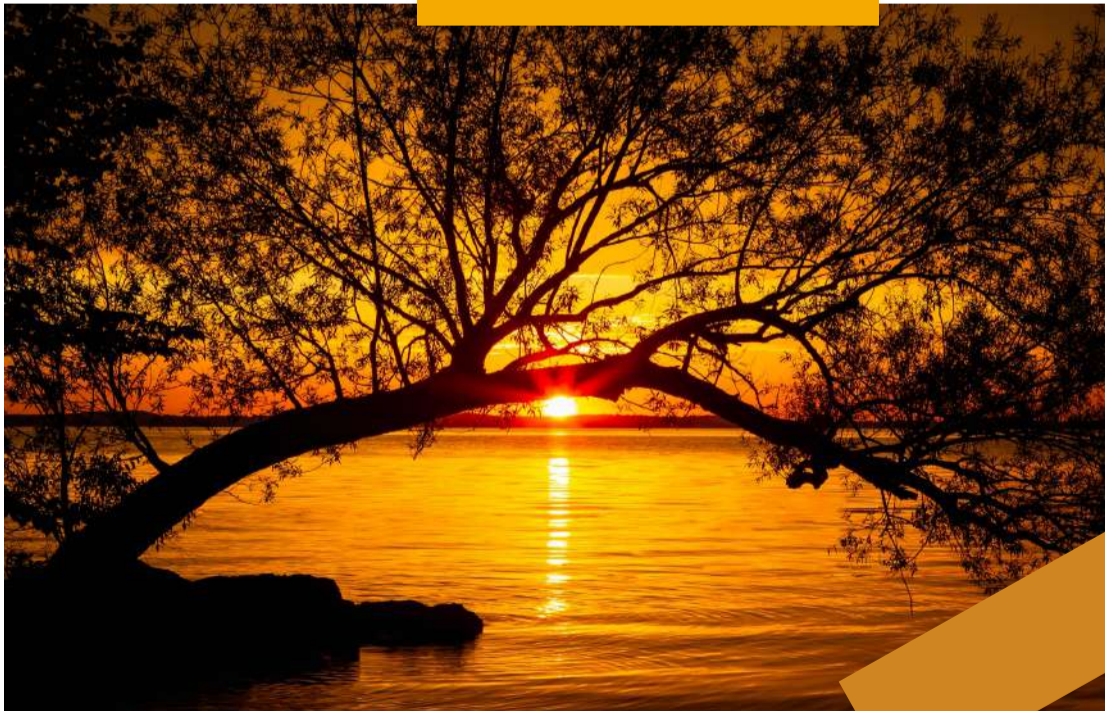
Desde criança, meus pais me ensinaram que a verdadeira libertação homossexual não é deixar de ser gay ou lésbica, é você se aceitar e saber que Deus o fez perfeito; e essa questão só entende quem é homossexual, crê no amor de Deus e passa por certas situações.

Para “Amarelo”, seu momento de fraqueza ocorreu quando perdeu sua comunhão com Deus, mas deixa claro que agora está tudo certo e que a comunhão foi restabelecida. Ele ainda aconselha: “Só não saiam da igreja ou percam sua comunhão com Deus por isso e nem vá servir aos falsos profetas ou viver na promiscuidade como acontece com muitos que saem dos caminhos do senhor, revoltados, não com Deus e sim com a igreja”.

Costumo falar que alguns cristãos constroem muros ao invés de pontes. Foram os muros que entristeceram “Amarelo”, que fizeram-no mergulhar na mais profunda dor e, por instantes, até esquecer que sua busca deveria ser pela sua própria aceitação e não pela aceitação dos homens, pois a acolhida de Deus, ele já tinha.

Hoje, “Amarelo” mudou de igreja, continua em uma igreja evangélica tradicional, por não existir no interior uma congregação que seja inclusiva, continua sem falar para as pessoas que é homossexual e afirma não sentir a necessidade de falar, mas diz que se houver falará sem problemas ou dor dessa vez:

“Eu amo Deus porque ele me fez entender quem sou, que me ama como sou e que não tem nada de errado comigo. Tem com quem julga, com quem tem preconceitos, com quem tem um amor seletivo, mas o processo de aceitação é lento e isso demanda muita oração e uma comunhão com Deus”.



capítulo 07:

VERDE

Ora, a fé é a certeza daquilo que
esperamos e a prova das coisas que não
vemos.

Hebreus 11:1

A música pode ser muita coisa, por isso existe tanta gente definindo o significado dela: existem teses, artigos, pessoas na internet; só que, claro, existe um conceito padrão para o que significa música: é a junção de sons melódicos, harmônicos e rítmicos em um contexto que forma um sentido para o cérebro. Mas, o que tem a ver música com fé?

Muitas pessoas acreditam que a música, além de um tipo de linguagem, é a expressão da alma. Na igreja, desde pequeno aprendi que temos a música como uma forma de externar nossa fé e adorar a Deus.

“Verde”, antes de seguir os preceitos da igreja e os de Deus, era cantora de barzinho, mas nunca gostou deste trabalho. Começou a cantar na noite como uma forma de conseguir dinheiro, por incentivo de amigos que não seguiam uma religião, os famosos “não praticantes”. Em nossa conversa, ela diz que “o mundo” a afastou, de várias formas, de seguir a Deus e dos vários propósitos que ele tinha para sua vida. Mas a apatia foi além, por tempo acreditou que não existia mais nada no que crer.

Contou que seguiu por caminhos bem tortuosos, bebia quase todos os dias, algo bem comum a todos os entrevistados, quando falam de seus momentos de fraqueza. O vazio em seu coração e na sua alma foi aumentando, as efemeridades que as farras e bebedeiras traziam não a preenchiam mais. “Foram as pessoas que conheci nessa época, os amigos de farras, que me incentivaram a cantar. Diziam: ‘vai lá, você nasceu pra isso’. E assim começou a história de “Verde” na música.

Mas cantando, nunca se sentiu plena, nunca se sentiu realizada. Cantava mais por incentivo das pessoas, mas algo gritava dentro dela dizendo que aquele não era seu propósito aqui na terra. Para ela, era a distância de Deus incomodando, ela sabia que precisava dele, sentia isso.

Na época, existiam pessoas que a convidavam e falavam de um lugar onde poderia congrega sendo ela mesma. A sexualidade de “Verde” nunca foi um problema, sempre soube quem era, foi nas noites cantando que conheceu sua então esposa. O que lhe faltava era um lugar para congrega.

“Eu mesma dizia a todos que jamais abriria minha boca para louvar a Deus ou para adorar a Ele, como eu adoro hoje”. Mas algumas pessoas diziam que em uma igreja inclusiva, ela poderia ir junto da sua companheira, poderia se sentir livre e confortável com sua sexualidade e ainda usar seu dom e talento para louvar a Deus.

Lá no fundo ela não se sentia digna, não se sentia parte do corpo de Cristo. Em uma noite como tantas outras, “Verde” se apresentava em um barzinho e quando saiu para tomar um ar, recebeu um panfleto de um grupo de pessoas, membros de uma igreja inclusiva, que estavam ali na calçada a evangelizar.

Naquele dia, teve a certeza que aquele era o seu lugar, que era isso que precisava para reestabelecer sua fé em Deus e voltar a crer. Já em casa, na mesma noite, “Verde” passou a procurar a igreja nas redes sociais, de imediato viu os dias de cultos e percebeu que haveria um no dia seguinte. O dia foi de muita ansiedade. Quando a noite chegou, faltando meia hora para o início do culto, ela estava lá, parada em frente à Igreja: “Quando passei por aquelas portas, Roberto, eu tive a certeza que o Espírito Santo estava ali e mais que isso, eu tinha certeza que ele me amava. Quando coloquei meus pés naquele lugar, eu me senti assim, parte de uma família, a minha fé foi restaurada e eu precisava de uma restauração”.

“Verde” nunca frequentou uma igreja, mas sempre se considerou cristã, ela afirma que o melhor dia de sua vida foi quando conheceu a Jesus, um Jesus de amor, paz e de luz, antes só o conhecia de ouvir falar.

Hoje, através da sua postura, as pessoas começaram a ver que existe sim a possibilidade de ser cristão, ter fé e ter uma orientação sexual não-hétero. Ela hoje se sente satisfeita, realizada, sobretudo, pelo trabalho que exerce na igreja. Faz parte do ministério de louvor e, quem diria, usa seu dom para glorificar a Deus: “Hoje o senhor me colocou aqui, me plantou nesse lugar e tenho a certeza que foi para fazer coisas grandiosas nessa terra através da minha vida”, diz na certeza de que encontrou seu lugar.



capítulo 08:

AZUL

Fé e conhecimento que se fundamentam
na esperança da vida eterna, a qual o
Deus que não mente prometeu antes dos
tempos eternos.

Tito 1:2



Quando pensas em transformação, o que é que vem à tua mente?

Desde a minha infância, escutava falar que a transformação é a principal porta na vida de uma pessoa que se identifica com os preceitos de Jesus. Nas igrejas ou até mesmo fora delas existem milhares de pessoas que se afeiçoam com os ensinamentos do mestre como é conhecido Jesus pelos cristãos. Só que, infelizmente, é comum vermos vários desses cristãos vivendo uma forma diferente e distante do que Ele nos ensina nas escrituras sagradas.

A transformação da qual se fala na Bíblia, é algo inegociável para o ser cristão. Meu pai certa vez me falou que transformação é uma renovação da mente, que toda a mudança na vida de uma pessoa, a sua transformação e sua renovação, necessita acontecer primeiro em sua mente.

Para alguns, a transformação é somente ir à igreja em todos os cultos, andar com a Bíblia debaixo do braço e sair dizendo que é crente. Existem muitos com essa perspectiva sentados nos bancos da igreja, um santo por fora com um coração doente. Foi esse tipo de gente que machucou e marcou a vida de “Azul”.

“Azul” frequenta a igreja desde criança, nasceu em um lar evangélico, se converteu ainda na infância. Sempre esteve nas escolas de estudos Bíblicos, já que sua mãe era professora da escolinha dominical. Os estudos e debates sobre a palavra de Deus estavam em seu cotidiano, em casa e na igreja. Mas, ainda jovem, ele começou a viver situações conflituosas sobre si, sobre desejos e pensamentos que tinha com relação a certas pessoas.

Desde cedo percebeu que era diferente, mas ser diferente era errado segundo sua família e os membros de sua antiga igreja; por não querer ser diferente chegou a procurar ajuda psicológica e espiritual, imaginava estar sendo tentado, cheio de pecado, o que trouxe muitos conflitos, frustração, decepção e angustia: “Lembro que quando estava passando por isso tudo, eu lia livros de batalha espiritual, jejuava, passei por aconselhamentos e tudo que acontecia e tudo que eu fazia, parecia não ser suficiente para mudar quem eu era e eu dizia: Senhor, mas como pode?”

É comum o pensamento entre Cristãos de que o pecado cerca e domina o homem por dar brechas, mas não existia brechas na vida de “Azul”, apenas busca por uma pretensa libertação. Diziam que estava doente, mas não tinham o tratamento, e ninguém conseguia responder essas questões para ele.

Durante todas as pesquisas, conversas, encontros, percebi algo em comum entre os entrevistados, a angústia e a fuga na bebida, em momentos de fraqueza da fé atrelado à falta de aceitação. Com “Azul” aconteceu diferente, ele começou a usar a pornografia como uma forma de subterfúgio, como uma forma de catarse. O sexo se tornou algo maior que sua sexualidade, a pornografia se tornou sua válvula de escape. Nesse meio tempo, nesse processo, se tornou completamente viciado, a ponto de não conseguir ficar muitos dias sem ver pornografia. Esse hábito sugava suas energias de maneira que outras áreas de sua vida ficavam afetadas por isso.

O vício em pornografia gera controversas entres os psicólogos, já que é inexistente um diagnóstico, conforme o Manual Diagnostico e Estatístico de Transtornos Mentais. Segundo o Instituto de Psicologia Aplicada – INPA, um levantamento realizado em 2014, feito pelo Instituto Kinsey, nos Estados Unidos, apontou que 9% dos consumidores de pornografia afirmaram ter vontade de parar, mas não conseguiram. A porcentagem pode parecer pequena, mas quando trazemos para o real, o número de pessoas que consomem pornografia, acaba sendo bem alto. Além disso, em uma pesquisa feita em 2000, 17% das pessoas que acessam conteúdos pornográficos na internet têm traços de compulsão sexual. Então, o vício em pornografia não é tão raro ou inexistente assim.

Quando “Azul” foi morar na capital, começou a frequentar lugares LGBTs, o que nunca foi possível em sua cidade de interior. Afirma que isso começou a tomar seu coração, começou a andar por outros caminhos que não eram os da fé: “Quando pensamos que chegamos no fundo do poço percebemos que podemos nos afundar ainda mais”, disse sobre o momento. Uma crise existencial começou a tomar conta de seus pensamentos, porque ele queria Jesus, queria estar numa igreja, por mais que não fosse como antes, ele tinha fé: “Eu nunca deixei de acreditar em Deus, minha fé poderia não estar como antes, mas eu tinha fé no Senhor dentro de mim, mas eu vivia deprimido por achar que pecava por ser gay”.

Foi em julho de 2014 que “Azul” viu a placa de uma igreja inclusiva enquanto passava de ônibus, e, nesse mesmo mês, aconteceu a sua ida pela primeira vez à igreja plural: “Eu lembro que quando entrei, Deus falou comigo, a minha fé foi renovada. Deus renovou as promessas feitas a mim quando havia me convertido há anos atrás e a partir daquele dia eu não vi mais pornografia, o Senhor me perdoou instantaneamente e eu creio que se o filho vos libertar verdadeiramente serei livre, e foi Jesus que disse isso”.

“Azul” acredita que quando conhecemos a verdade, ela nos liberta e nos cura e não há nada que seja difícil demais que Deus não possa fazer. Hoje em dia ele é casado e a vida dele e de seu companheiro mudou; ele começou a servir de novo na igreja e diz que Deus, pouco a pouco, fez com que tudo aquilo que ele havia perdido, fosse reencontrado:

“Quando eu achava que era o fim, minha fé em Deus me mostrou que não era. Eu tenho fé Nele, Ele me escolheu como filho Dele”.



capítulo 09:

VIOLETA

O que é nascido de Deus vence o mundo;
e esta é a vitória que vence o mundo:
a nossa fé.

1 João 5:4

A adolescência é um momento singular, é quando nosso cérebro amadurece, quando buscamos a liberdade de expressão e quando nossos sentimentos ficam à flor da pele. Vivemos tudo de forma mais intensa porque queremos nos afirmar. É nessa fase que buscamos amizades com gostos e desejos em comum e nos descobrimos como somos. No entanto, essa energia que nos cerca, por vezes nos faz potencializar tudo, inclusive as cobranças, e acabamos nos tornando vítimas da situação, por querermos ser parte de algo.

Com “Violeta” não foi muito diferente. Antes de conhecer a Jesus, pode se dizer que ela era vítima e ao mesmo tempo algoz de tudo que pudesse experimentar: de amores efêmeros a amores abusivos, por muitos ela passou. Declara que já feriu muita gente e muita gente a feriu, descobriu depois de um tempo que tirava proveito das pessoas, se aproveitava delas e também se permitia ser usada. Na verdade, era algo doloroso e o que tornava ainda mais doloroso era ter consciência da situação. Quando se via no espelho só conseguia enxergar o quão mau-caráter se tornou: “E antes de Jesus, eu não tinha essa noção, todos os meus relacionamentos eram pautados naquilo que eu poderia ganhar, lucrar, fossem em relacionamentos amorosos ou profissionais. Sobre amizades... não posso dizer que tinha muitos e esse era um dos maiores sinais da minha falta de fé, o isolamento”.

As amizades de “Violeta” eram momentâneas, específicas para um momento passageiro, mas nada duradouro e que fosse verdadeiro.

“Violeta” é uma pessoa séria, cabelo curto, voz potente. Chega a dar medo às vezes. A profissão ajuda a compor essa imagem, é advogada. Quando pergunto sobre seu primeiro chamado, seu primeiro contato com o evangelho, “Violeta” se torna mais branda, conta que seu encontro com Jesus foi maravilhoso, algo que tinha quer ser forte, pois caso contrário ela não iria acreditar.

Antes de ingressar na igreja evangélica teve envolvimento com outras religiões, não se permitia ler a bíblia, mas quando decidiu ler, o fez no sentido de questionar: “Eu queria questionar, eu queria confrontá-la, só que graças a Deus ele colocou pessoas na minha vida que começaram a falar de Jesus e de seu amor, a falar da palavra, começaram a discipular e instruir, e houve um dia, e eu lembro especificamente como se fosse hoje, que de tanto ouvir sobre o amor de Jesus e como ele nos ama e cuida de nós, eu comecei a questionar esse amor”.

Contou que tinha alguém muito próximo dela que sempre falava de Jesus, a quem ela sempre questionava com perguntas do tipo: “Será que ele ama mesmo? Mas onde será que ele estava quando eu fui abusada tantas vezes? ”

Pois é, “Violeta” foi abusada diversas vezes. É um assunto extremamente delicado e, infelizmente, muito latente no Brasil. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde – PNS, o ano de 2019 estimou que cerca de 18,3% (ou 29,1 milhões) das pessoas de 18 anos ou mais sofreram algum tipo de agressão psicológica, física ou sexual no Brasil. A pesquisa estimou que 0,8% (1,2 milhão) sofreram violência sexual. A maior parte dos autores desses três tipos de violência são pessoas conhecidas das vítimas.

“Violeta” não quis me responder perguntas sobre sua violência, era nítido o seu extremo desconforto ao falar sobre isso. Não forcei. Até porque não era o intuito da entrevista.

Ela sempre questionava, queria saber onde Deus estava naqueles momentos. Uma parte sua queria esse Jesus maravilhoso, amoroso, acalentador, mas outra parte dizia que ela não poderia ter, já que esse mesmo Jesus a abandonou durante os abusos sofridos.

E em um momento de oração muito sincera, sozinha, tomando banho, ela brigou, questionou Jesus. Seu confronto na verdade era em busca do conforto que tanto escutava falar. Neste momento de seu relato, ouço pela primeira vez a sua voz embargada, parecia emocionada, mas ainda manteve sua pose séria: “Foi nesse momento, Roberto, que escutei audivelmente o senhor falar assim: ‘Eu estava lá’”. Relata que ao sair do banho enrolada a uma toalha, quando escutou aquela frase, automaticamente uma força a lançou em cima de sua cama e ela começou a chorar, a gritar e foi ali, naquele momento, que “Violeta” teve a certeza absoluta que foi Deus que falou com ela. Tinha essa certeza por já ter presenciado experiências espirituais, de outros seres espirituais falarem com ela, mas aquela presença nunca tinha sentido e afirma que é a mesma presença que sente hoje falando comigo.

Ela tomou sua decisão naquele dia: “Jesus eu abro a porta, vou deixar o senhor entrar na minha vida e o chamado pastoral veio numa sequência, a partir de todo um desenvolvimento”. Ela acredita que abrir essa porta era só o começo, pois se fazia necessária uma cura genuína para poder ser completamente restaurada pelo Senhor. Vale repetir que não falo aqui sobre cura carnal, mas algo espiritual, uma cura da mente, um processo de cura onde ocorre a restauração da fé cristã.

A sua homoafetividade nunca foi um problema, sempre soube quem era nesse quesito.

Em determinado momento da nossa conversa, ela lembra um episódio marcante em sua vida, algo que a impressionou muito. Certa vez foi ao hospital visitar um ex-membro da igreja, pois soube que ele estava doente; o irmão em questão estava em estado terminal, ele era soropositivo e estava realmente prestes a morrer.

Os primeiros casos de HIV surgiram na década de 1980 nos Estados Unidos, em pacientes homossexuais masculinos provenientes de grandes cidades norte-americanas como Nova York, Los Angeles e São Francisco. No Brasil, segundo o Ministério da Saúde é estimado que 866 mil pessoas estejam infectadas pelo HIV e a epidemia no país é considerada estável. Em 2017, foram diagnosticados 42.420 casos de HIV e 37.791 casos de AIDS. E relatórios da UNIAIDS afirmam que no ano de 2020, 37.6 milhões de pessoas estavam vivendo com HIV no mundo.

Vale salientar que o HIV-AIDS não é uma doença homossexual ou uma praga contra a comunidade. Qualquer pessoa, seja ela branca ou preta, homossexual ou heterossexual, homem ou mulher podem contrair. E o melhor jeito de evitar é com o uso de preservativo em relações sexuais.

No hospital, sua primeira visão do irmão, era dele louvando ao senhor, lembra de ser a mesma fala desse irmão abrindo o culto, adorando a Deus. Esse amigo passou por muitas intempéries na vida, enfrentou dificuldades durante a trajetória dele na igreja, eram os altos e baixos que o faziam cair e se reerguer, mas agora estava ali, naquele leito de morte. No primeiro momento só conversaram sobre banalidades. Na mesma semana da visita, “Violeta” conta que sentiu em seu coração que deveria levar a ceia até aquele irmão.

Com a voz embargada e tristeza em seus olhos, ela segue com o relato: “Eu peguei uma sacola, coloquei dentro os elementos da ceia e fui até aquele hospital”. Nesse momento a nossa conversa para, já que “Violeta” começa a chorar copiosamente. A sua pose séria já havia se transformado, eu via em minha frente uma pessoa que ainda não tinha visto, estava ali vulnerável.

Ela foi até aquele hospital porque sabia que apesar de todas as coisas que o ex-membro tinha feito, sabia de sua luta entre o espírito e a carne, uma luta terrível, que desgasta, que fragiliza, mas sabia que ele amava a Jesus, que ele tinha fé. Perguntei porque levar a ceia e ela falou que o fez porque Deus falou com ela em oração e lhe revelou que aquela seria a última ceia do jovem. “Violeta” não abandonou em nenhum momento a entrevista mesmo em meio a soluços, continuou sua história:

“Quando eu cheguei na unidade em que ele estava internado havia dois diáconos de uma igreja tradicional da cidade de Natal e aqueles homens falavam de uma forma tão ostensiva, de uma forma tão grosseira e brutal e eu tive que intervir, falei com os diáconos e com a mãe do jovem, que naqueles últimos momentos seria bom que ele recebesse palavras de amor e não de condenação”.

Em meio a sua emoção, “Violeta” solta um sorrisinho quando fala daquela parte da lembrança de quando tomaram a ceia. Ela diz que percebeu como o rapaz se alegrou naquele momento. Não sabia a quanto tempo ele não tomava a ceia, os dois oraram, cearam, e louvaram juntos o hino que ele mais gostava de cantar na igreja.

“E eu quero dizer uma coisa, Roberto, para todos aqueles que não entendem a palavra do Senhor, lá em Atos 10:34 diz que Deus não faz acepção de pessoas. Eu não tenho dúvidas, eu creio no meu coração que a fé dele o salvou e que Deus recebeu aquele irmão, como Deus vai receber a cada um de nós, porque a todo aquele que crer no Senhor, foi dado o poder de ser chamado filho de Deus, e é pela graça que somos salvos e isso não vem de você ou de mim, isso é dom de Deus. E se você tem fé, você será salvo”.



capítulo 10:

PRETO

Resistam-lhe, permanecendo firmes na fé,
sabendo que os irmãos que vocês têm em
todo o mundo estão passando pelos
mesmos sofrimentos.

1 Pedro 5:9

Durante todo o processo de pesquisa, entrevistas e escrita, saí perguntando o que significava Fé para cada pessoa homossexual e não heterossexual que eu encontrava no meu caminho, e algumas das respostas foram as seguintes:

“Fé para mim, é ter esperança, fé para mim é aquela ponte de esperança que você sempre vai ter quando acredita em algo, fé é um dos sentimentos mais fortes que você pode ter, acreditar, é um gancho sabe? Uma âncora”.

“Pra mim são energias positivas as quais nós, seres humanos, acreditamos que o impossível pode se tornar possível. É uma força inexplicável que te faz acreditar que o universo está conspirando ao seu favor”.

“Fé é algo muito intrínseco, acho que vem muito do que você acredita, a fé não está entrelaçada só à religião, mas em você, numa força que proporciona a você, levantar e acreditar”.

“Para mim, o significado de fé se resume perfeitamente ao que relata lá em Hebreus 11.1: a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos”.

“Para mim a fé é a certeza de que Deus existe, que conhecemos Ele e a sua bondade através do seu Filho Jesus, e que tem todo o poder para fazer qualquer coisa”.

As respostas são de pessoas que não se conhecem e que são até de regiões diferentes. Mas essas respostas nos mostram algo: que a fé consiste, sobretudo, em acreditar que existe algo maior que você, não importa qual religião decida seguir, é, no fim, a Fé que une as pessoas.

Eu cresci rodeado de diferentes pessoas, diferentes religiões, meus pais nunca me forçaram a seguir o evangelho e nem a me tornar um crente, nem a mim e nem aos meus irmãos, sempre fomos muito livres para seguir o caminho que nosso coração ordenasse. Hoje, meu caminho é o evangelho.

O meu caminho é dar voz ao próximo, é amar meu próximo é fazer de tudo para dar oportunidade do meu próximo amar e ser quem ele quiser, com segurança, já que vivemos em um país homofóbico e machista. Vejo a igreja hoje como homofóbica e machista e não é preciso referenciar algum pesquisador para ratificar essa afirmação, para ver isso basta frequentar igrejas. Vivemos em uma bolha na qual a atenção e amor a um irmão são limitados por rótulos, quando deveriam ser incondicionais e ilimitados. Há uma apatia disfarçada e por vezes até declarada.

Quando se é gay, você é taxado de várias coisas e uma delas é de ser um sujeito doente, as pessoas fazem você acreditar nisso. O problema nunca é ser LGBTQIAP+. Para milhões de cristãos mundo afora, a bíblia é interpretada como um texto totalmente autoritário. Mas é considerada a palavra de Deus e a revelação de sua vontade para a humanidade. Porém, até que ponto se há uma compreensão clara sobre essas palavras?

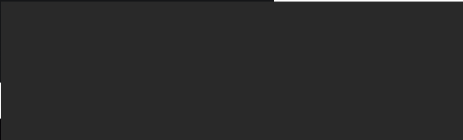
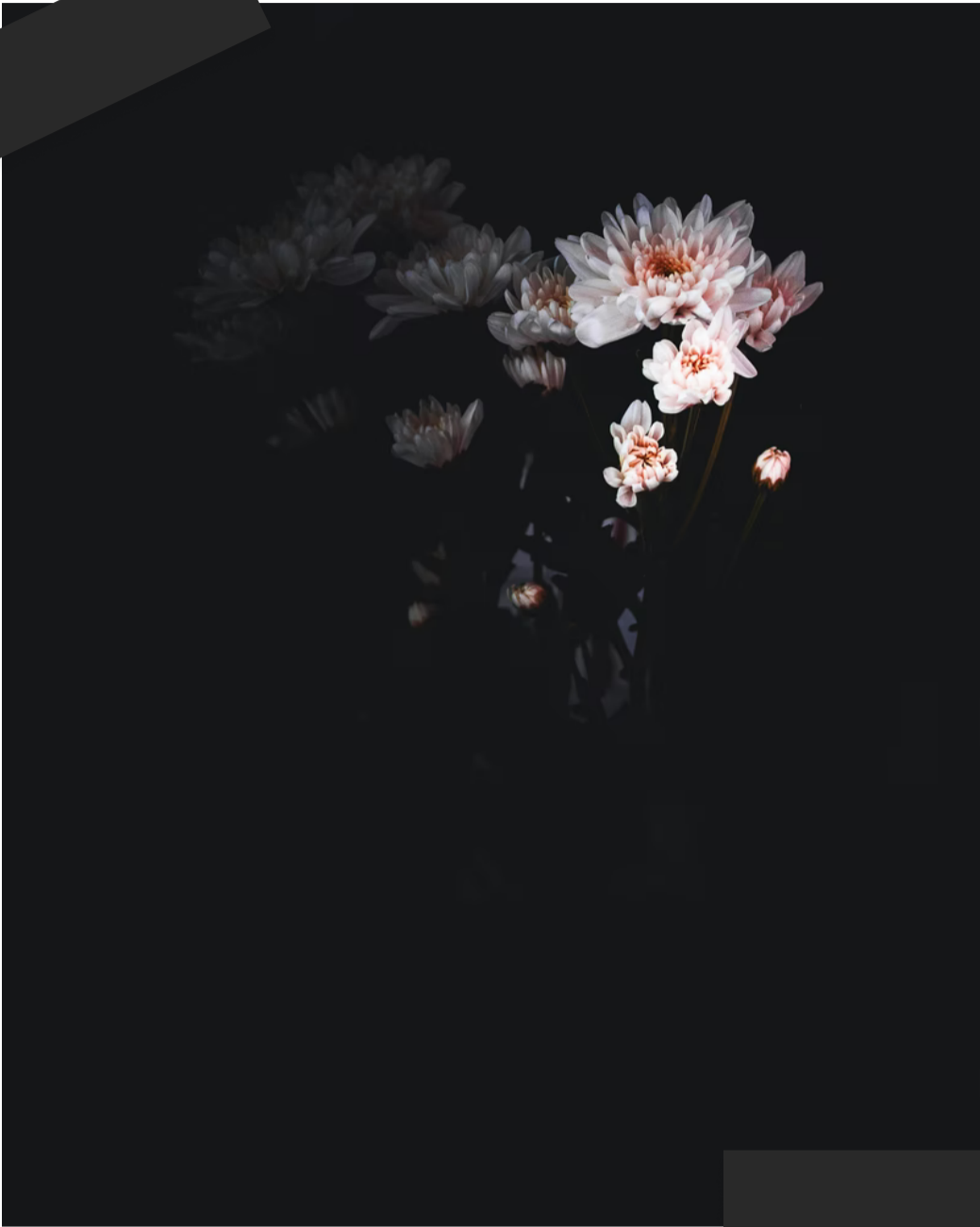
O “Cores da Fé” buscou ressaltar um lugar de protagonismo para pessoas LGBTQIAP+ que enfrentam todos os dias um ambiente machista e homofóbico para servir a Deus e externarem sua fé. Algumas das razões para a construção desse projeto se deu justamente pela falta de trabalhos sobre o tema e também na busca de mostrar que a fé cristã não discrimina e que o ódio e a homofobia velada são algo comum. Ao invés de construir pontes, a maioria dos evangélicos se valem de uma leitura e interpretação falha.

A história comprova todas as lutas de pessoas LGBTQIAP+ e todas as suas conquistas, que são relevantes para a sociedade. A liberdade de crer e seguir uma fé é uma dessas conquistas que vêm, aos poucos, ganhando mais espaço no meio evangélico.

Estou ciente da responsabilidade de transmitir a realidade dessa comunidade marginalizada, através de suas histórias de vida, que foram montadas de forma breve, porém com todo cuidado possível quanto à veracidade e a compreensão dos fatos, de modo que qualquer um, seja do âmbito acadêmico ou não, possa entender. Por isso a estrutura narrativa, por isso a linguagem simples, a fim de que a proposta seja facilmente compreendida e que cause a reflexão.

A fé não distingue cor, orientação ou qualquer outra coisa; é algo que vem de dentro e não tem explicação. Acreditar em algo é bom, nos mostra que não estamos só no mundo. Ao trazermos o assunto para a área da comunicação, a proposta toma proporções sérias e desafiadoras por se tratar de uma obra não ficcional, pois todas as pessoas que compõe o trabalho não são personagens inventados, são reais e a cada pergunta respondida, tiveram que acessar na memória momentos marcantes em suas vidas, seja a descoberta de sua sexualidade ou o preconceito vivido; tudo isso em prol de contribuir positivamente para esse registro bem como para a vida de outras pessoas.

A religião proporciona muitas coisas boas, mas também muitas coisas ruins, e o maior objetivo desse trabalho é conectar essas histórias de fé com o próximo, seja gay ou não. Considero importante frisar que minha função como jornalista, cristão evangélico e filho de pastor é garantir o serviço da informação, de servir ao próximo, amar o próximo e garantir que ele terá seu direito de expressão. Esse é o meu objetivo: usar o meu trabalho para tornar a mensagem do amor de Deus e a fé Nele, que eu aprendi desde criança, acessível a todos.



Agradecimentos

Agradeço a Deus, primeiramente, pelo meu respirar e por tantas oportunidades dadas, agradeço ainda pelas pessoas que foram colocadas no meu caminho e não falo apenas no período de realização desse trabalho, mas na vida.

Agradeço aos meus pais, Roberto e Cristina, por me criarem de forma tão aberta e generosa, vocês são a razão pela qual eu me tornei o que sou. Obrigado por todos os sermões quando criança (e foram muitos). Obrigado por me apoiarem sempre e em tudo que eu fosse fazer, obrigado por não me privarem e por me permitirem ser quem eu quisesse ser.

Aos meus irmãos Rodrigo, Renato, Rafael e Ruth.

À vovó Maria (in memoriam), para quem dedico a escrita do livro-reportagem. Foi a primeira pessoa a me incentivar a fazer jornalismo quando eu ainda era criança, ela foi a personificação de cuidado e aconchego.

À minha Orientadora Ada Guedes, obrigado por me aturar nos meus desabafos por e-mail. Obrigado por topar de primeira minha ideia de projeto e me ajudar a lapidá-lo com zelo.


Aos meus amigos. E a todos que fizeram parte da minha trajetória na Universidade Estadual da Paraíba.

Aos LGBTQIAP+ que acreditam em Deus, um Deus bom, e que seguem as escrituras Dele e que desejam poder acreditar em si.

Sobre o autor



Natural de Caicó – RN, Roberto Gomes dos Santos Junior nasceu dia cinco de março de 1995 e sempre sonhou em ser jornalista. Filho mais velho de cinco irmãos, seu pai é um professor de química, pastor na Igreja Batista Missionária. Sua mãe é uma mulher forte, que nunca teve medo de errar e que dentre muitas histórias, viveu em um circo. Na academia, participou de projetos de extensão que o permitiram atuar como produtor, repórter e editor de matérias em 360°, além de estagiar como produtor, repórter e apresentador de TV pela CODECOM – UEPB no ano de 2019. Seu primeiro programa foi em parceria com o Larteca UEPB, uma produção sobre sustentabilidade. No mesmo ano, atuou também como repórter do CBN Universidade, na rádio CBN Campina Grande. A curiosidade e a falta de justiça com minorias o fizeram querer fazer trabalhos relacionados ao imbricamento entre sexualidade e religião e foi esse o estopim para a produção do “Cores da Fé”, seu primeiro livro-reportagem, trazendo uma proposta mais humanizada do jornalismo e colaborativo diante da nossa sociedade.

The background features a dark space filled with vibrant, ethereal smoke or nebulae in shades of purple, blue, green, yellow, and red, arranged in a rainbow-like gradient. Scattered throughout are small, bright white stars and larger, multi-pointed starburst patterns.

Cores da Fé traz histórias reais, de pessoas LGBTQIAP+, com o enfoque na sua fé cristã. Todas as histórias se passaram em tempos diferentes, em lugares e regiões diferentes, com personagens da vida real que frequentam igrejas evangélicas de diferentes doutrinas. Cada personagem recebeu o nome de uma das cores da bandeira LGBTQIAP+ como forma de proteção de suas identidades. Cada história reflete sua trajetória até se encontrarem na fé cristã como evangélicos. Os relatos convergem para o debate sobre a liberdade de profissão de fé e o advento das igrejas inclusivas no Brasil. Congregações que se concentram nas grandes capitais e que vem crescendo em número de adeptos. Todas as histórias contadas tem em comum a persistência dos personagens em não desistirem da vontade de externar sua fé. Una-se a obra e descubra o rumo da história de cada cor, veja que Deus é amor e nos ama como somos.